

COSCARELLI, C. V., MARTINS, Else. Viciados em F7? Nossa resposta ao JB. <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/viciados%20em%20F7.htm>. jan/2002.

Viciados em F7? Nossa resposta ao [JB \(27/09/2001\)](#)

Carla Viana Coscarelli
Else Martins
(BH, out de 2001)

A informática entrou em nossa vida - isso não tem retorno - e sua influência na escrita é inevitável. De pouco adianta torcer o nariz ou fechar os olhos para as conseqüências que o uso do teclado e dos programas de texto provocam na escrita das pessoas. Necessário se faz estudar essas modificações e, sem pré-conceitos, analisar até onde isso é bom ou não. Por mais que usemos um chat, isso não significa que vamos escrever como prescreve esse gênero, em qualquer situação. Todo mundo conversa ao telefone, mas nem por isso começamos nossas conversas com *Alô!*.

A crítica que mais se faz ao uso dos corretores de texto e das comunicações síncronas (chats) e assíncronas (e-mail) é o fato de que eles levam o indivíduo a escrever errado. No primeiro caso, inclusive, dizem até que "vicia"! É preciso entender que alguns aspectos da escrita merecem mais atenção do que ortografia e separação de sílabas, entre outras questões menores. Mas então, disparariam irritados aqueles para quem saber Português é ter um bom domínio da ortografia e da sintaxe, devemos deixar pra lá erros ortográficos? Língua não se resume a ortografia. Há muito além disso, a sintaxe, a semântica, a textualidade, os fatores pragmáticos, a discursividade, e ninguém discute isso na imprensa. A ortografia é sempre a grande vedete. Toda reportagem que aparece na imprensa mostra sempre faixas, cartazes e placas com erros de ortografia e palavras sem acentos e, quando muito, com problemas de concordância ou alguma regência duvidosa.

O que propomos aqui, é a desnecessidade de perder tempo com essas questões. Por que não deixar a ortografia por conta do corretor ortográfico? Quanto menos tivermos de nos preocupar com isso no momento da criação, melhor, pois sobrará tempo e recursos cognitivos para as atividades de planejamento e organização das idéias no texto; para escolher melhor os recursos lingüísticos a serem usados e as estratégias textuais que melhor seduzirão o leitor.

Fala-se tanto em otimização. Por que não aceitar a otimização também dos recursos de produção de um texto? Melhor que o produtor se ocupe com o sentido,

COSCARELLI, C. V., MARTINS, Else. Viciados em F7? Nossa resposta ao JB. <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/viciados%20em%20F7.htm>, jan/2002.

com a coerência e com o estilo do que com banais questões ortográficas, que apesar dos Pasquais da vida, definitivamente, reafirmamos, não são aspectos fundamentais da língua. São necessários, mas mecânicos e há recursos para melhorar nosso desempenho nesse sentido.

O corretor gramatical, quanto mais aperfeiçoado for, de grande ajuda será no momento da revisão dos aspectos formais do texto. Não há programa de computador que consiga substituir as escolhas semânticas e estruturas frasais de cada produtor. As questões sintáticas são observadas com algum cuidado por quem escreve e um alerta de uma gramática que trabalhe de forma simultânea à produção do texto só faz o produtor ficar mais atento ao processo de criação. Apareceu o risquinho verde no texto e, imediatamente, vai-se verificar o que está acontecendo, que tipo de correção é sugerida. Apareceu o risquinho vermelho e vai-se verificar o erro ortográfico cometido. Pelo fato de seguir normas rígidas, o recurso de correção sintática e ortográfica não exclui a participação do usuário e, muitas vezes, leva-o a pensar no desvio cometido, tornando o ato de produção de texto em computador uma contínua atividade metalingüística, em que o produtor estará freqüentemente se defrontando com decisões a tomar: onde errei? Que engano cometi? Essa repetição de palavras é legítima em função de minha estrutura frasal? Por que essa concordância está em destaque? Aqui cabe a crase? E aí nos perguntamos, como isso pode ser ruim, se para se chegar a um bom produto final foi preciso ler e reler o que se produziu? Um programa de computador alerta o produtor para algumas estruturas a serem revisadas, mas nunca, nunca mesmo, trabalhará no lugar do indivíduo que se dispõe a escrever.

Tudo evolui, mas parece que alguns desejam que a produção de texto permaneça na pré-história da escrita, estática, fiel ao uso da primeira tecnologia: os eternos papel e lápis. Entretanto, por mais que esses desejos mastodônticos se manifestem é impossível parar. A separação de sílabas, que já foi muito usada para possibilitar a formatação justificada do texto, não é mais usada, nem nos textos digitados, nem nos escritos à mão. Hoje basta um clique e o texto é formatado do jeito que o autor quiser e para isso nenhuma palavra precisa ser separada em sílabas.

COSCARELLI, C. V., MARTINS, Else. Viciados em F7? Nossa resposta ao JB. <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/viciados%20em%20F7.htm>. jan/2002.

Por que ver isso como malefício? Há gente por aí falando que esses recursos viciam o usuário. Há quem resista em usar o corretor ortográfico argumentando que ele aliena, faz com que as pessoas deixem de usar o dicionário e ignorem “a possibilidade de aprender a grafia correta” ([JB 27/09/2001](#)), que ele torna os escritores “descuidados” e negligentes. Outros pregam que se deve usar o dicionário impresso para tirar as dúvidas. Precisamos lembrar que o dicionário e o corretor ortográfico têm funções diferentes. O dicionário (que pode ser eletrônico para economizar tempo na busca dos verbetes) serve para descobrir o significado de palavras desconhecidas, entre outros usos. Já o corretor serve para nos ajudar a escrever conforme a ortografia padrão exige, o que economiza um tempo enorme e torna o produtor mais seguro de que há recursos que vão alertá-lo, caso algum desvio da norma culta – se for o desejo dele usar no texto esse padrão – seja cometido.

Todo mundo que digita/escreve um texto sabe que “não” tem til. Deixar o corretor fazer esse serviço braçal não é crime nenhum, e se não souber, por exemplo que uma palavra é com g ou j, será uma boa hora para aprender com o corretor ortográfico, hora de tirar dúvida – e não desaprender, como acreditam alguns. Ao usuário da língua e dos programas, cabe decidir alguns casos em que há duas grafias para o mesmo som, mas com significados diferentes (homófonos) como o que acontece com *conserto* e *concerto*. Cabe também decidir se uma repetição do tipo “se se quiser ...” é legítima ou não. Usar o corretor ortográfico não é atestado de ignorância e incompetência lingüística, ao contrário, pode ser prova de bom índice de letramento, pois indica, ou pelo menos significa, que a pessoa tem o hábito da escrita e domina recursos básicos e úteis dos editores de texto. E que ele seja usado mil vezes se for preciso. Pior é não usá-lo.

Outro dia, no *Jornal do Brasil* (Viciados em F7) afirmava-se sobre o uso do corretor ortográfico que um rapaz “criou juízo e hoje é um ex-dependente”. “Agora”, dizia o artigo, “ele tira suas dúvidas no dicionário.” Argumentava a articuladora, em defesa da atitude do rapaz, que “o mercado de trabalho exige que se escreva corretamente”. A atitude desse rapaz, no artigo lido, é apontada como uma vantagem. Será? Imaginemos o pobre coitado às voltas com uma dessas dúvidas que nos acometem freqüentemente, por exemplo, como escrever *berinjela*: *beringela*

COSCARRELLI, C. V., MARTINS, Else. Viciados em F7? Nossa resposta ao JB. <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/viciados%20em%20F7.htm>. jan/2002.

ou berinjala. Lá vai nosso rapaz abrir um dicionário e mecanicamente procurar a grafia correta: abre o livro, procura a letra B, localiza o BE, passa folha, passa folha, localiza o BER, acha o BERI, finalmente o BERIN, desliza o dedo até a palavra procurada, constata a forma correta, olha para seu monitor e digita a danada da berinjala correta. Será que esse rapaz está no caminho certo? Será que o fato dele ter usado o dicionário fará com que da próxima vez que ele for escrever essa mesma palavra a forma de grafá-la estará, indelevelmente, marcada em seu cérebro, pelo simples fato de haver usado um dicionário uma vez a fim de localizá-la? Ou a dúvida persistirá e lá vai dicionário novamente?

O corretor é, ironicamente, visto como salvação de quem não sabe português, mas existem outras formas de ver o uso dele: uma já dissemos - língua não é só ortografia - outra é que a ortografia é uma das poucas coisas na língua que não aceita variação; berinjala é com j e não se discute. Por isso, é fácil desenvolver um programa para verificar a ortografia e seu uso é uma questão de automatismo e não de raciocínio.

Deixar de usar o corretor, definitivamente, está longe de ser uma atitude inteligente, produtiva e vantajosa. Para quem quer entrar no mercado de trabalho, o domínio e bom uso das tecnologias, sobretudo da informática, é um requisito extremamente valorizado. Que diferença faz tirar dúvidas no dicionário de papel ou no eletrônico? Muita. Enquanto o rapaz do nosso exemplo está a consultar um dicionário, o colega ao lado já analisou e aceitou ou não a correção proposta e produziu infinitamente mais. A consulta ao eletrônico é muito mais rápida e o tempo de consulta economizado pode ser melhor aproveitado pelo usuário.

Será que, em vez de criticar o computador e classificá-lo como vilão contemporâneo, não seria melhor aceitarmos de vez a informática em nossas vidas? É tempo de repensar essa questão sem resistência e sem medo das mudanças que são inevitáveis. A escrita no computador criará hábitos diferentes. Recursos como o uso da tecla F7 (que verifica incorreções de ortografia e sintaxe), do Control Z (que desfaz o que se acabou de escrever) agilizam a escrita e dão mais segurança ao usuário. A possibilidade de formatações as mais diversas, sejam elas inovadoras ou formais, levarão inevitavelmente a um texto que exigirá dos leitores o domínio desses recursos e as prováveis intenções que eles guardam .Quando as histórias em

COSCARELLI, C. V., MARTINS, Else. Viciados em F7? Nossa resposta ao JB. <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/viciados%20em%20F7.htm>. jan/2002.

quadrinho invadiram o mercado muita gente não sabia como lê-las, que direção seguir, como associar o texto verbal com o não-verbal, como interpretar as onomatopéias, etc. Toda nova tecnologia que mexe com hábitos instalados causa insegurança e a primeira tendência é ver nela apenas mal. Entretanto o texto produzido em computador vai aos poucos instalando um texto novo, criativo, ágil e que exige um leitor que domine os recursos de produção desse texto, para melhor entendê-lo. O novo texto utiliza diferentes tipos de letras, negritos, itálicos, cores, diferentes tamanhos de fontes, imagens, ícones, links – o que possibilita que de uma leitura se pule para outra numa verdadeira rede de textos, o que se não é novo, é mais evidente e rápido.

Óbvio é que o uso do teclado modifica nosso controle motor fino. O homem que um dia comeu com as mãos sentiu dificuldade ao usar garfo e faca para se alimentar. Mas qual o problema? Adaptou-se. Evoluiu. Quem usa o teclado com constância sente, sim, certa dificuldade ao utilizar a caneta, a letra já não é a mesma. Mas e daí? A letra bonita já foi muito valorizada, hoje ela precisa ser legível, letra bonita o computador tem muitas. Precisamos repensar a necessidade de aprender a desenhar a letra cursiva, que até hoje representa um marco na alfabetização, na maioria das escolas. Para que saber escrever com letra cursiva? Quem define este padrão? Quem não conhece alguém que escreve apenas com letra de forma? Isso limita de alguma forma a vida ou a produção escrita desses indivíduos? Eles deixam de se expressar por escrito por causa disso? Têm menos personalidade ou são piores profissionais em função dessa característica? O uso dessa ou daquela letra embota o raciocínio de alguém ou impede sua ascensão profissional? Reconhecer diferentes fontes é importante para que sejamos capazes de ler qualquer texto. Cada vez mais associa-se a intenção de um texto à fonte utilizada e isso não deve ser empecilho para o leitor.

Um dia o homem expressou-se usando a escrita nas cavernas, depois veio a pena, a caneta e o lápis, a máquina de escrever e hoje ele utiliza cada vez mais o teclado do computador que faz muita falta para quem já se habituou ao seu uso, ou seja, cada vez mais gente por aí, por ser ágil, confortável e possibilitar a muitos um desempenho melhor, quando da produção de um texto, apesar de não excluir o uso da velha tecnologia.

COSCARELLI, C. V., MARTINS, Else. Viciados em F7? Nossa resposta ao JB. <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/viciados%20em%20F7.htm>. jan/2002.

Assim a leitura e a escrita vão-se tornando mais complexas e não cabe mais o discurso atrasado de que o computador e seus recursos atrapalham a produção de textos. O computador estabelece novas exigências e facilidades e não há por que negá-las ou recusá-las. É preciso entendê-las, estudá-las e aperfeiçoá-las e que venham os textos dos novos tempos!

[Volta](#)